

Principais pragas florestais em Portugal: Como atuar?

Vários fatores bióticos e abióticos têm sido identificados por provocarem desequilíbrios fisiológicos que se traduzem em alterações no desenvolvimento das árvores e que, na maior parte das vezes, estão intimamente associados.

A floresta em Portugal e os problemas fitossanitários que lhe estão associados

A floresta em Portugal ocupa cerca de 35,4% do território (3 154 800 ha), basicamente constituída por cinco espécies: o eucalipto com 26% (811 943 ha); o sobreiro com 23% (736 775 ha); o pinheiro-bravo igualmente com 23% (714 445 ha); a azinheira com 11% (331 179 ha) e o pinheiro-manso com 6% (175 742 ha).

Vários fatores bióticos e abióticos têm sido identificados por provocarem desequilíbrios fisiológicos que se traduzem em alterações no desenvolvimento das árvores e que, na maior parte das vezes, estão intimamente associados (a elevada ocorrência de incêndios florestais tem originado o aparecimento de surtos de pragas e doenças). As principais pragas que constituem os maiores problemas sanitários na floresta estão identificadas no Quadro 1.

As pragas mais graves são os insetos que

atacam o tronco (xilófagos ou subcorticais), bloqueando o fluxo de seiva e o transporte de solutos entre as raízes e a copa, colocando seriamente em risco a sobrevivência da árvore. A capacidade de recuperação da árvore está diretamente relacionada com o seu vigor e com a intensidade do ataque. Alguns destes insetos têm também a capacidade de inocularem fungos que contribuem para o enfraquecimento e morte das árvores (p. ex.: os bóstricos e as hilésinas no pinheiro e o plátipo no sobreiro).

Os ataques de insetos nas folhas/agulhas normalmente não põem em risco a sobrevivência da árvore (com exceção de ataques muito severos ou consecutivos em povoamentos jovens). A árvore tem capacidade de regeneração da copa ainda que possa vir a manifestar uma redução do seu crescimento anual (em altura e em diâmetro) já que as reservas energéticas e nutricionais vão ser canalizadas para uma renovação suplementar da folhagem.

Edmundo Sousa, Luís Bonifácio & Pedro Naves .
INIAV, I.P.



Este facto é mais crítico nas resinosas pois a sua superfície foliar renova-se mais lentamente do que nas folhosas.

No entanto, são as pragas e doenças exóticas, introduzidas acidentalmente no nosso país, as que causam mais danos à floresta. A introdução do nemátode da madeira do pinheiro (*Bursaphelenchus xylophilus*) em 1999 constitui o mais grave problema de sanidade das florestas em Portugal, responsável por enormes prejuízos económicos, não só pelos milhões de pinheiros mortos, mas também devido às fortes restrições impostas à exportação da madeira de pinho. O nemátode é transmitido aos pinheiros saudáveis pelo longicórnio-do-pinheiro, inseto até então secundário, colonizando apenas pinheiros em declínio ou mortos, mas por ser o único inseto capaz de transportar este agente de mortalidade assumiu um estatuto de praga nas zonas afetadas. Também os eucaliptais sofreram com a introdução de espécies exóticas como a mortalidade causada pela broca do eucalipto no final do século passado, especialmente no Alentejo e Beira Interior e, já neste século, as graves desfolhas nas zonas em altitude da região Centro e Norte causadas pelo gorgulho desfolhador. Recentemente outros insetos exóticos foram registados em Portugal como é o caso do percevejo-dourado-do-eucalipto (*Thaumastocoris peregrinus*) e a vespa-das-galhas-do-castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus*). O seu futuro impacte a nível nacional ainda não é conhecido, mas devido ao risco de constituírem pragas emergentes, foram já implementados planos de ação para o seu controlo.

Como atuar?

Em termos gerais, é necessário aumentar a proteção legal sobre as áreas de floresta natural, como fontes de espécies florestais e reservatórios de biodiversidade, e desenvolver estratégias para a manutenção da diversidade genética das populações de árvores, promovendo-se a expansão de espécies de folhosas e soluções como a regeneração natural e a reflorestação com espécies nativas.

Para minimizar o impacte das pragas é neces-

QUADRO 1 – PRINCIPAIS PRAGAS DA FLORESTA EM PORTUGAL

Árvores	Estragos	Pragas	
		Nome científico	Nome comum
EUCALIPTO	Estragos nas folhas	<i>Gonipterus platensis</i>	Gorgulho-do-eucalipto
	Estragos no tronco	<i>Phoracantha semipunctata</i>	Broca-do-eucalipto
SOBREIRO (sb)	Estragos nas folhas	<i>Lymantria dispar</i> (sb, az)	Limantria
		<i>Periclista</i> spp. (sb)	Lagarta-verde
		<i>Tortrix viridana</i> (sb, az)	Burgo
	Estragos nos frutos	<i>Curculio elephas</i> (sb, az)	Balanino
AZINHEIRA (az)	Estragos no tronco/ramos e raminhos	<i>Cydia splendana</i> (sb, az)	Lagarta-da-castanha
		<i>Coroebus undatus</i> (sb)	Cobrilha-da-cortiça
		<i>Coroebus florentinus</i> (sb, az)	Cobrilha-dos-ramos
		<i>Platypus cylindrus</i> (sb)	Plátipo
PINHEIRO-BRAVO (pb)	Estragos nas agulhas	<i>Xyleborus</i> spp. (sb)	Xileboro
		<i>Thaumetopoea pityocampa</i> (pb, pm)	Processionária-do-pinheiro
		<i>Pineus pini</i> (pb, pm)	Afídeo-lanífero-do-pinheiro
		<i>Cinara maritima</i> (pb, pm)	Pulgão-do-pinheiro
		<i>Leucaspis</i> spp. (pb, pm)	Cochonilha-branca-do-pinheiro
PINHEIRO-MANSO (pm)	Estragos nas pinhas	<i>Pissodes validirostris</i> (pm)	Gorgulho-das-pinhas
		<i>Dioryctria mendacella</i> (pm)	Lagarta-das-pinhas
		<i>Leptoglossus occidentalis</i> (pm)	Sugador-das-pinhas
PINHEIRO-MANSO (pm)	Estragos no tronco/ramos e raminhos	<i>Orthotomicus erosus</i> (pb)	Bóstrico-pequeno
		<i>Tomiscus</i> spp. (pb, pm)	Hilésina
		<i>Ips sexdentatus</i> (pb, pm)	Bóstrico-grande
		<i>Dioryctria sylvestrella</i> (pb, pm)	Piral-do-tronco
		<i>Pissodes castaneus</i> (pb)	Gorgulho-pequeno-do-pinheiro
		<i>Monochamus galloprovincialis</i> (pb)	Longicórnio-do-pinheiro



Gorgulho-do-eucalipto



Plátipo



Processionária-do-pinheiro



Limantria



Bóstrico-grande



Longicórnio-do-pinheiro

sário investir numa silvicultura de prevenção multifuncional e na gestão florestal sustentável, reconhecida a nível intergovernamental, mas que só ganhará relevância quando a sociedade reconhecer o valor dos serviços não comercializados dos ecossistemas e a sua contribuição para o bem-estar humano.

A melhor estratégia para evitar os surtos das pragas passa pela sua prevenção e deteção precoce. Para tal é necessário efetuar o diagnóstico da situação com a inventariação dos potenciais fatores de desequilíbrio, para a tomada de decisão quanto às medidas que possam minorar ou ultrapassar a situação. A tomada de decisão sobre o que fazer deve ser baseada numa análise quantitativa da extensão e da gravidade do problema (avaliação do impacto do desequilíbrio) e na seleção dos métodos de controlo mais adequados a cada

situação concreta.

Assim, os meios de luta culturais são a base na proteção das florestas, com a remoção expedita das árvores que apresentem sintomas de enfraquecimento acentuado, antes que se complete o desenvolvimento e emergência da descendência dos insetos que atacaram e colonizaram essas árvores.

Para muitas das pragas de desfolhadores e perfuradores do tronco dos pinheiros, sobreiros e azinheiras, já existem no mercado armadilhas específicas e atrativos químicos, na maioria dos casos feromonas (sexuais ou de agregação), que permitem a captura dos insetos adultos, reduzindo as populações em voo e a sua proliferação.

No entanto, este meio de luta biotécnico não é suficiente e deve ser complementado com outros meios de luta, como por exemplo a lu-

ta biológica, no caso da broca e do gorgulho-do-eucalipto com a largada de parasitoides de ovos *Avetianella longoi* e *Anaphes nitens*, respetivamente, ou a pulverização com biopesticidas como o *Bacillus thuringiensis*, contra as lagartas desfolhadoras (p. ex. processionária, limantria e burgo).

A luta química tradicional é desaconselhada na floresta, pelos graves impactes ambientais que pode causar. A estratégia da União Europeia reforça este conceito e tem vindo sucessivamente a retirar substâncias ativas das listas de produtos autorizados, assim como tem limitado as técnicas para a sua aplicação no campo, nomeadamente a proibição da pulverização aérea. Contudo, em situações críticas, pode ser um meio de luta complementar desde que devidamente autorizado pela autoridade fitossanitária nacional. ☹

PUB

PUBLICIDADE

1/2 página